

JOAN JUNYENT
www.actuatu.com



CHAVES PARA UMA CULTURA DE PREVENÇÃO

O GRANDE SILÊNCIO

SCIENTIA


abadia
EDITORS

O Grande Silêncio

Joan Junyent

O autor

Joan Junyent Dalmases nasceu em Valls de Torroella (Barcelona), em 1965. É Engenheiro Técnico de Minas e Mestre em Prevenção de Riscos Laborais. Tem uma experiência de mais de quinze anos de trabalho no interior de minas, exercendo desde Chefe de Turno até ao cargo de Director.

É um apaixonado pela leitura e nos seus tempos livres exerce como escritor.

O livro

É precisamente nesta mistura de escritor e técnico de minas e prevenção de riscos laborais que nasce a ideia do livro.

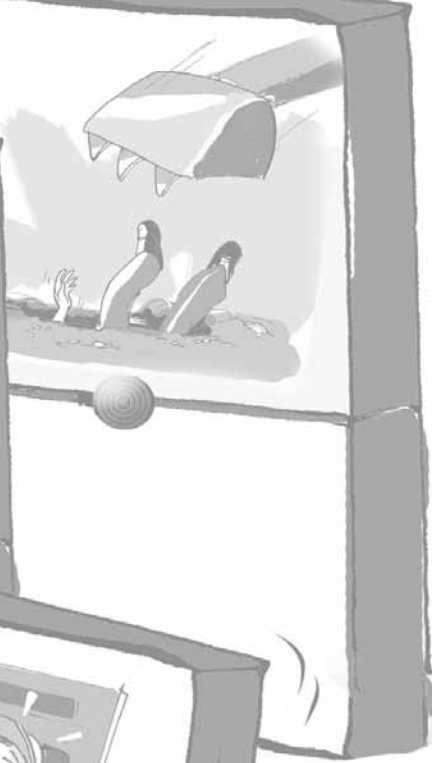
Num meio saturado de livros técnicos, *O grande silêncio* é um livro necessário, que oferece uma visão simples sobre o que é e o que implica a prevenção de um ponto de vista nada habitual. É uma história amena, com curiosas e compreensíveis reflexões que procuram aproximar os directores/as e os trabalhadores/as à prevenção.

Dentro de umas vidas, as nossas, vividas a correr de um lado para o outro, constantemente sob a pressão do trabalho, *O grande silêncio* pretende proporcionar uns momentos divertidos, encadeando ao mesmo tempo uma série de raciocínios que não estão desprovidos de rigor.

O grande silêncio serve-se da análise de um acidente laboral numa mina, mas de um modo geral tudo o que se expõe pode ser aplicado aos acidentes em geral e aos de viação em especial. Como exercício entretido, propomos ao leitor que antes da leitura imagine um possível acidente, de forma que quando for avançando na leitura faça decorrer o seu acidente imaginário paralelamente à história que lerá, procurando as relações e as coincidências que certamente encontrará.

Desejo-lhe uma boa leitura!

O autor



O Grande Silêncio

Um acidente setecentos metros abaixo da terra



Segunda, terça, quarta... Um após outro, os dias passam como um rio manso, até que, de repente, um sobressalto nos obriga a despertar.

Ainda hoje não sei como é que intuí que aquele ia ser um dia muito diferente, mas já sabia. Só me lembro que a noite parecia mais negra e triste do que o normal. E que tinha frio.

Faltava apenas uma hora para que começasse a amanhecer.

Cheguei ao parque de estacionamento e lá estavam todos, mais calados e mais quietos do que nunca, mas bruscamente despertados pela crua realidade.

A praça estava cheia de pessoas, quando deveriam estar a preparar-se para a mudança de turno ou a irem dormir com o seu trabalho finalizado.

E então já não tive qualquer dúvida: os trabalhos estavam parados. E parar os trabalhos significava um acidente mortal na mina...

As pontas dos cigarros brilhavam nas zonas mais escuras, onde os

meus companheiros escondiam as suas lágrimas. E deslocavam-se com passos lentos, sonâmbulos, sem saberem aonde acudir.

Também já não havia qualquer sítio aonde acudir, agora.

Porque **agora** já era tarde.

Agora já não havia nada a fazer.

A escuridão e o silêncio dominavam a cena, e a dor e a pena eram omnipresentes.

Grupinhos de sombras que falavam em voz baixa. Mineiros vestidos com roupa normal, sem capacetes nem botas, sem ânimo e sem alegria. Sem cânticos de mineiros.

Gigantes chorosos e simples, capazes de revolver as entranhas da terra, capazes de amar esse trabalho tão duro, golpeados no seu coração por uma perda absurda.

Um dos seus companheiros não voltaria nunca mais a sorrir...

Estacionei o carro com uma atitude apática e dirigi-me lentamente para o grupo mais próximo.

São três as perguntas que sacodem a cabeça de uma pessoa nesses momentos:

O **que** é que se passou ?

Como é que se passou?

A **quem** é que lhe passou?

Mas entre as três há uma que brilha com luz própria:

Quem?

Porque a sua resposta é a mais dolorosa.

Porque essa resposta assinala uma pessoa concreta, uma cara, uma família, um amigo... **Quem?**

Os meus pensamentos dispersaram-se e veio-me à cabeça uma vívida lembrança do dia em que tinha entrado para a empresa.

- Entre, Álex. Feche a porta e sente-se, se faz favor.

O meu chefe requeria pela primeira vez a minha presença a sós. Tinha referências suficientes da sua fama de duro, por isso, temeroso, sentei-me e esperei.

- Álex, quero que me oiça com atenção, porque o que lhe vou dizer é muito importante.

Engoli em seco e fiquei quieto e atento como um radar.

- A nossa principal dificuldade – prosseguiu o meu chefe – consiste em conseguirmos trabalhar sem acidentes. Movemo-nos debaixo da terra, com grandes máquinas e com os riscos que isso implica, pelo qual a nossa atenção deve ser sempre máxima. Repare nas nossas estatísticas: todos os anos morre uma pessoa na mina, e se, como por vezes passa, algum ano conseguimos que não se magoe ninguém, no ano seguinte falecem dois. – O meu chefe fez uma paragem para me permitir calibrar com precisão as suas palavras, palavras que ficaram gravadas para sempre na minha memória. – Assim, peço-lhe encarecidamente que empregue todos os seus esforços para ajudar a conseguir acabar com estes números de uma vez por todas. Será, sem dúvida, a melhor vitória que podemos conseguir.

As duras palavras do meu chefe ficaram tatuadas como ferro

incandescente no meu cérebro, indicando-me ao mesmo tempo que não devia ter medo nem dele nem do seu duro carácter, mas dos temíveis acidentes.

Esse era indubitavelmente o nosso desafio. Assim, os acidentes passaram a ser o meu inimigo. Desde esse preciso momento pus toda a minha determinação, sem nenhuma reserva, em cumprir os nobres objectivos estabelecidos pelo meu chefe.

O inimigo são os acidentes.

Mas também me lembro de como essa breve conversa condicionou a minha forma de ver as coisas.

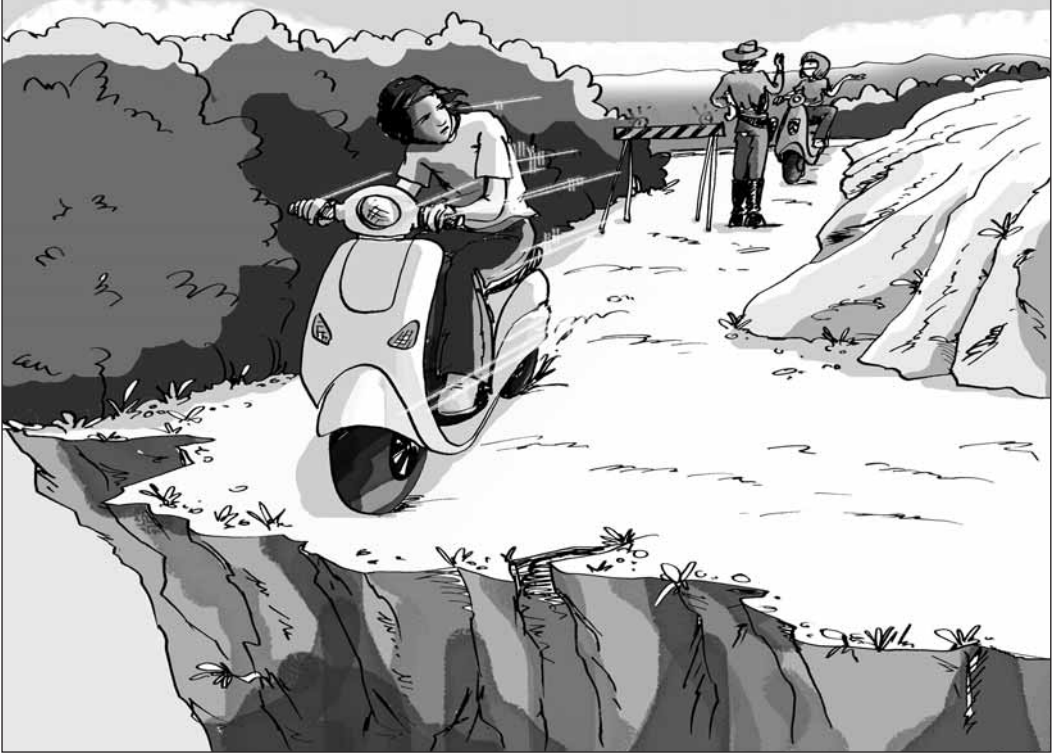
Andava pela mina a perguntar-me quem é que seria o próximo. Conversava com este, ajudava aquele, e frequentemente perguntava-me: “Será este o próximo?” Mas rapidamente descartava a ideia, desejando que não fosse realidade.

Até que descobri que, decididamente, aquela não era a realidade. Foi nos vestuários, já na rua. Estava a fazer a barba antes de ir tomar um duche, quando a pergunta aflorou novamente na minha cabeça: “Quem será o próximo?”, enquanto observava o reflexo dos meus companheiros a passarem nus por trás de mim indo e vindo dos chuveiros. Qual deles seria?

O espelho embaciado devolvia-me uma imagem desfocada e pensei que reflectia uma realidade deformada, até que comprovei que são os nossos olhos que na verdade deformam a realidade. Descobri que os nossos olhos só olham para fora, e que esse particular ângulo de visão às vezes é excludente. O seguinte não poderia ser esse cabeçudo com espuma na cara que olhava para mim da primeira fila e que não era nada mais do que o meu reflexo? Claro que podia, era óbvio que sim.

Não se engane de inimigo.

*Isso só fará com que grande parte
dos seus esforços sejam estérei*



O inimigo são os acidentes

Só através do espelho pude observar a realidade, porque ali estávamos todos, incluindo EU. Assim, EU também devia proteger-me.

Quem é que eu pensava que era, para querer proteger os outros antes de me proteger a mim próprio, primeiro?

Foi nesse instante que nasceu em mim uma nova forma de actuar, sem que esse EU, descoberto no espelho, fosse alguma vez relegado para o esquecimento.

*As acções partem quase sempre de
nós próprios...*

Subitamente voltei para a realidade, nessa noite fria. **Quem?**
Quem teria sido desta vez?

Mas antes de perguntar já se sente o mordisco do medo. Medo que respondam que sim, que é verdade o que já se sabe, que morreu alguém. E um medo ainda maior, que ferve por todo o corpo, de que esse alguém seja nosso amigo, com o qual não voltaremos a falar... Porque as pessoas dividem-se em amigos, conhecidos e outros. E as suas mortes não nos afectam todas da mesma maneira.

- **Quem** foi? – perguntei com um fio de voz, enquanto procurava com o olhar esse sorriso que faltava, esse sorriso com um *nome próprio*.

As caras sérias de uns e os rostos desfeitos de dor dos outros davam as primeiras pistas. Só era preciso ser um bom observador.

- **O Durán** – respondeu-me alguém. – Tenho muita pena, parece que vocês se davam bem.

José Durán Costa, de trinta e quatro anos, casado, com uma filha e uma vida inteira pela frente.

Esse era o meu amigo acidentado. Esse era o nome completo que desta vez as iniciais do jornal não me podiam ocultar.

Notei como a garganta e o peito se me apertavam. Uma bola que cresce e nos oprime desde dentro. Dói tanto que não se pode falar nem chorar, e quase não se pode respirar. A raiva e milhares de câibras sacodem-nos o corpo todo e sentimos frio nos ossos e não somos donos das nossas acções. A vida começa a andar mais devagar e tudo se passa como num sonho, parece irreal... As vozes, os sons..., fica tudo desfocado. Uma pessoa fica como dentro de uma bolha que a isola do resto do mundo. Porque num primeiro momento uma pessoa se recusa a aceitar o que agora já não tem remédio.

Um acidente acontecido já não tem remédio.

Não podemos procurar uma solução quando já não existe remédio.

Andei como suspenso no ar na direcção dos escritórios, sem considerar as explicações recebidas de forma atropelada.

O Durán tinha morrido às três e vinte da madrugada, com o peito esmagado. A máquina de perfuração que conduzia, um Jumbo, tinha virado, e o Durán tinha ficado preso com o corpo fora da cabina. Foi auxiliado por dois mecânicos que rapidamente o tinham trazido para cima numa maca, mas já foi inútil. O médico de serviço, alertado, já estava à espera deles na boca da mina, mas a vida do Durán apagava-se irremediavelmente. O auxílio tinha sido em vão, e ali mesmo se certificou o óbito. O cadáver do Durán encontrava-se na funerária.

Enquanto caminhava, lembrei-me da história do Durán.